

24 de abril de 2024, Dia de Solidariedade Feminista Internacional contra o poder das Empresas Transnacionais

Investir na vida, não na guerra!

O dia 24 de abril é o dia da solidariedade feminista internacional que resiste às corporações transnacionais. Nós, como Marcha Mundial das Mulheres, denunciemos a exploração e a destruição de nossas vidas e da natureza pelo sistema capitalista por meio das mãos (in)visíveis das corporações transnacionais, desde que o edifício Rana Plaza desmoronou e destruiu a vida de mil mulheres que trabalhavam em condições totalmente precárias e desumanas em Bangladesh.

Este ano, ao lembrarmos o crime do Rana Plaza, estamos testemunhando a onda de militarização e a ascensão da indústria bélica, que está se espalhando pelo mundo e ameaçando nossas vidas em todos os lugares. Sabemos que ela está intrinsecamente ligada às corporações transnacionais que alimentam as guerras e lucram com elas de várias maneiras.

A história de conflitos armados, genocídio e repressão é longa. A linguagem da violência, que está na raiz do capitalismo e do patriarcado e, portanto, é apoiada por corporações transnacionais, mercenários e forças paramilitares, provoca a guerra e está fortemente ligada à lógica colonialista, patriarcal, racista e autoritária do capitalismo, que é amplamente alimentada pelos interesses das corporações transnacionais.

Muitas corporações transnacionais estão envolvidas na produção e venda de armas e equipamentos militares. Essas empresas lucram com o fornecimento de armas a governos envolvidos em vários conflitos, perpetuando a violência e prolongando as guerras. Não é coincidência que hoje estejamos vivenciando um amplo crescimento e controle de empresas militares e de segurança, que fornecem equipamentos para guardas de fronteira, tecnologia de vigilância para controlar fronteiras e infraestrutura de TI (tecnologia da Informação) para rastrear os movimentos das pessoas. Portanto, não é de surpreender que Israel, juntamente com suas empresas, seja um dos dez maiores exportadores de armas do mundo.

As corporações transnacionais também lucram com a exploração de recursos naturais em zonas de conflito, levando a conflitos motivados pela apropriação desses recursos. O controle de recursos valiosos, como petróleo, minerais e madeira, pode ser um dos principais motivadores de conflitos armados. Os governos ocidentais, juntamente com suas corporações transnacionais, invadem nações na África, na Ásia e nas Américas e no Caribe em nome do investimento direto e da cooperação para o desenvolvimento. Eles manipulam governos nacionais cujas eleições são financiadas por meio de mecanismos de ajuda e dentro da estrutura de acordos de livre comércio (TLCs) e políticas neoliberais. Produzem armas e as vendem para países onde têm fortes interesses econômicos. Estimulam o endividamento por meio do fornecimento de armas a governos nacionais, apropriam-se de terras: deslocam famílias e comunidades inteiras



de seus territórios e as privam de seus meios de subsistência e dos recursos naturais essenciais à vida. Dessa forma, eles estão tirando o direito das pessoas a uma vida digna.

Hoje, testemunhamos isso por meio do conflito militar no Sudão, na República Democrática do Congo, da destruição da terra e da cultura no Iêmen, da destruição do Saara Ocidental, do controle islâmico e militar sobre o Mali, das contínuas sanções econômicas aplicadas a Cuba e à Venezuela, da guerra na Ucrânia e do genocídio em curso na Palestina. Sabemos que todos eles estão interconectados. E o impacto e as consequências de todos eles são os mesmos.

De sul a norte, de leste a oeste, as mulheres sofrem os efeitos e as consequências da lógica capitalista que coloca o lucro econômico acima da vida. Hoje, todos os sistemas de suporte à vida estão sendo atacados. Isso se deve ao fato de que o lucro e a acumulação de capital, por parte de poucos, são os processos priorizados, em detrimento da reprodução da vida. Portanto, poderíamos dizer que o sistema capitalista está em guerra com nossas próprias vidas.

Durante décadas, o movimento feminista denunciou os impactos da guerra na vida das mulheres e sua forte ligação com o patriarcado, o capitalismo e o racismo. As mulheres sofrem muito mais dramaticamente com essa violência. No mundo globalizado de hoje, é essencial tornar visíveis os verdadeiros perpetradores desse horror.

É por isso que, como Marcha Mundial das Mulheres, continuaremos a denunciar o papel das empresas transnacionais na continuação dos conflitos e da militarização, e a manipulação das políticas governamentais para esse fim, bem como os governos e as corporações que se beneficiam economicamente dos conflitos (controle dos recursos naturais: petróleo, água, minerais, entre outros) em seu território ou outros territórios.

Neste ano, iremos às ruas e redes para dizer, mais uma vez, "NÃO" à guerra e à indústria bélica. Como Marcha Mundial das Mulheres, continuaremos a denunciar as guerras, as sanções e as ocupações no Iêmen, no Afeganistão, no Mali, no Saara Ocidental e em outros territórios e, mais recentemente com a situação da Palestina.

Continuaremos a dizer "NÃO" à militarização e à indústria da guerra, "NÃO" às fronteiras e aos muros, e "NÃO" à exploração dos recursos naturais, da classe trabalhadora, das mulheres e dos povos, e continuaremos a denunciar defender nossos direitos, nossas terras, corpos, trabalho, água, bens comuns, na Palestina e em todos os lugares!

Nossa solidariedade feminista internacionalista nos manterá em movimento, resistindo para viver, marchando para transformar!

Marcha Mundial das Mulheres, 2024.